

De estigma a emblema: Cabelo, autorreconhecimento e resistência entre jovens universitárias negras

From stigma to emblem: Hair, self-recognition and resistance among black college students

Isaurora Cláudia Martins de Freitas¹
Diocleide Lima Ferreira²

Resumo

Partindo de relatos e imagens de jovens negras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada em Sobral (CE), analisamos, neste trabalho, os processos sociais e individuais que levaram essas jovens a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, transformando-os em emblema de resistência e luta por reconhecimento. Ancoradas em discussões teóricas que tematizam juventudes, racismo, processos identitários e condição da mulher negra no Brasil e numa metodologia de pesquisa qualitativa que privilegiou os relatos escritos e a recolha de fotografias do antes e do depois da “transição capilar”, percebemos que a relação das jovens com seus cabelos possui um antes e um depois da entrada na universidade. Nos relatos, o contato com as teorias sociais, com outras jovens negras e com o movimento estudantil, possibilitado pela entrada na Instituição, é apontado como responsável por desencadear o processo de autorreconhecimento como mulheres negras que as fez ressignificar a relação com seus cabelos, consigo próprias e com a sociedade.

Palavras chave: Jovens universitárias. Cabelo. Autorreconhecimento. Racismo. Resistência.

Abstract

Based on reports and images of young black women from the Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), located in Sobral (CE), we analyze, in this work, the social and individual processes that led these young women to assume their kinky or curly hair, transforming them in emblem of resistance and struggle for recognition. Anchored in theoretical discussions that focus on youth, racism, identity processes and the condition of black women in Brazil and in a qualitative research methodology that privileged written reports and the collection of photographs before and after the “capillary transition”, we realized that the relationship

¹ Pós-doutora pelo Instituto de Ciências Sociais-Universidade de Lisboa. Professora associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú e do PROFSOCIO-UVA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU). Integra a Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis (REAJ).

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO-UVA).

of the young women with their hair has a before and an after entry into university. In the reports, the contact with social theories, with other young black women and with the student movement, made possible by the entrance to the Institution, is pointed out as responsible for triggering the process of self-recognition as black women that made them resignify the relationship with their hair, with themselves and with society.

Keywords: Young university students. Hair. Self-recognition. Racism. Resistance.

Introdução

Um fenômeno marcante no Brasil do século XXI é o crescimento de movimentos de mulheres voltados para a valorização da estética negra, através, especialmente, dos cabelos. Nesse sentido, *blogs*, canais no *YouTube*, perfis no *Instagram* e no *Facebook*, marchas etc. foram criados para difundir ideias e ações voltadas, sobretudo, para a valorização dos cabelos crespos ou cacheados. Atenta a este movimento, a produção acadêmica sobre tal fenômeno também tem crescido, de modo que, em uma simples busca na *internet*, é possível encontrar dezenas de trabalhos, entre artigos, teses e livros, de diversas áreas, voltados, em sua maioria, a analisar o cabelo da mulher negra em sua relação com os processos identitários, como o fizeram Lima (2019), Gomes e Duque-Arrazola (2019) e outros que destacaremos ao longo do texto.

Partindo de pesquisa realizada em salões étnicos de Belo Horizonte, Gomes (2006) analisou o processo através do qual o corpo e o cabelo de negros e negras transformam-se em ícones de construção da beleza e da identidade. Lody (2004), através de imagens de penteados de africanos, sobretudo de Angola, e de negros brasileiros mostra o significado da cabeça e dos cabelos para a construção da identidade negra. Camargo (2018) pesquisou, através das mídias digitais, o processo social e subjetivo da transição capilar, mostrando seu impacto na constituição de identificações de mulheres negras e não-negras. Transição capilar é o termo que tem sido popularmente utilizado para designar o processo em que mulheres deixam de alisar os cabelos para assumir seus cabelos crespos ou cacheados, fenômeno que também foi abordado no estudo de Oliveira e Mattos (2019) que, a partir de relatos de mulheres negras recolhidos da internet, pensam a transição capilar articulada aos processos de subjetivação e produção de identidade.

Nosso trabalho, portanto, vem somar-se à recente produção acadêmica já existente sobre cabelo e estética negra como elemento político que se presta a confrontar o racismo arraigado em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, contribui com o processo de subjetivação através do qual mulheres, que antes se sentiam envergonhadas e inferiorizadas por suas características físicas e alisavam ou escondiam os cabelos crespos ou cacheados, hoje exibem orgulhosas seus cabelos

naturais e se permitem usá-los da forma que bem entendem sem se preocupar com os padrões impostos pela ditadura estética da branquitude.

A partir de relatos e imagens de jovens negras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada em Sobral (CE), analisamos neste trabalho os processos sociais e individuais que levaram à transição capilar, fazendo com que essas jovens passassem a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, transformando-os em emblema de resistência e luta por reconhecimento (HONNETH, 2009) numa sociedade racista. O objetivo principal do estudo foi perceber se e de que modo a entrada na universidade contribuiu com esses processos.

A educação brasileira ergueu-se a partir de um padrão eurocêntrico que produz o apagamento dos referenciais dos outros povos que tomaram parte na formação da nossa cultura, sobretudo os indígenas e africanos, dos quais somos majoritariamente descendentes. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 55,8% da população brasileira é formada por pessoas que se declaram pretas ou pardas, sendo que apenas 9,3% se reconhecem como pretas. De acordo com a mesma pesquisa, nas universidades públicas, historicamente frequentadas por jovens brancos das classes mais favorecidas, pretos e pardos já são 50,3% dos estudantes³. Percentual inédito que pode ser lido como um dos resultados das políticas e ações afirmativas criadas no Brasil a partir de 2003, ano de criação da Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (Lei n.10.678/03). Posteriormente, foi promulgada, em 2012, a Lei nº 12.711, de 29 de agosto, conhecida como Lei das Cotas, que dispõe sobre a reserva de vagas nas universidades e institutos federais para alunos de escolas públicas, pretos, pardos e indígenas.

A UVA, universidade pública mantida pelo governo do Ceará, possui a peculiaridade de ser uma instituição de abrangência regional que recebe jovens de mais de 50 municípios das regiões noroeste e norte do estado, cujas trajetórias acadêmicas são marcadas, em sua maioria, pela mobilidade cotidiana entre seus municípios de origem e Sobral, realidade retratada por Freitas em suas pesquisas (FREITAS, 2013; FREITAS; BRAGA, 2013). Mesmo só tendo implantado a política de cotas no ano de 2017, o perfil dos estudantes da UVA sempre foi majoritariamente de jovens pobres, pretos e pardos, oriundos de escolas públicas.

Muitos negros e negras que acessam o ensino superior entram na universidade com “máscaras brancas”, para usar o termo de Fanon (1983), que aponta o quanto “o homem de cor” precisa ser libertado de si próprio, devido ao fato de, a partir de um processo de internalização da inferioridade, que lhe é imputada pelo branco, buscar embranquecer-se, o que, para o autor,

³ Ver em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativodf.p.

representa um “desvio existencial” imposto pela cultura branca. Neste sentido, observamos em nossa universidade um movimento em que corpos negros, aprisionados à estética branca, começam a retirar a máscara da branquitude, deixando aparecer quem verdadeiramente são. Como sociólogas e professoras, sempre atentas ao que se passa ao redor, encontramos a temática de pesquisa aqui retratada através do convívio cotidiano com as nossas alunas e alunos ao longo dos anos de magistério no ensino superior.

Diante do exposto, podemos dizer que nosso percurso metodológico na elaboração desse estudo foi fruto da “observação vivencial”, que, de acordo com Marinho (2020, p. 52), é uma observação propiciada pela junção da atuação profissional com a trajetória como pesquisadoras. Tal observação nos permitiu, como professoras do curso de Ciências Sociais da UVA, identificar jovens que entraram na universidade com os cabelos lisos e que ao longo do percurso acadêmico fizeram a transição capilar. Com base nessa observação, convidamos cinco jovens, com idades entre 22 e 28 anos, a colaborarem com a pesquisa. No entanto, apenas quatro delas participaram. Todas são alunas ou ex-alunas do curso de Ciências Sociais justamente por ser nosso lócus imediato de observação e também pela desconfiança que tínhamos, antes do início da pesquisa, de que as teorias sociais acessadas no curso proporcionam uma visão crítica sobre os padrões de beleza socialmente estabelecidos, bem como sobre o racismo.

De acordo com Contador (2001), “a negritude é um “em construção” de significados, num agenciamento de formas culturais que celebra os valores estéticos da negritude.” Tais valores têm no corpo negro um de seus territórios de representação. Portanto, “a negritude é também uma questão de narrativa – micronarrativa – onde está presente a gestão da tensão entre “o que se é” e “o que se quer ser””. (CONTADOR, 2001, p. 32). Partindo dessa premissa, buscamos acessar os modos como as jovens narram a sua negritude, especialmente a partir da relação com seus cabelos que revela a tensão entre o liso (“cabelo bom”, na concepção da cultura racista) de antes e o crespo/cacheado do tempo atual. Com esta intenção, buscamos fugir da formalidade das entrevistas, cujos roteiros, mesmo que abertos, acabam por orientar as falas num determinado sentido, e adotamos uma metodologia qualitativa que privilegiou os relatos escritos pelas jovens. Foi-lhes pedido que escrevessem um relato sobre a relação com seus cabelos. Deste modo, pretendemos também valorizar a capacidade observadora e interpretativa das jovens pesquisadas, como sugere Ranci (2005).

O que recebemos como retorno foram “escritas de si”, através das quais as jovens se mostraram, se expuseram e se ofereceram ao nosso olhar a partir do que disseram sobre si mesmas

(FOUCAULT, 2004, p. 156). Para Foucault (2004, p.157), a “narrativa de si é a narrativa consigo mesmo” e é, portanto, exercício de introspecção, de subjetivação e de reflexividade.

Além dos relatos escritos, solicitamos, a cada jovem, fotografias do antes e do depois da transição capilar.

Pensada como componente do funcionamento da sociedade contemporânea, que é extremamente visual e dependente da imagem, a fotografia é ao mesmo tempo representação e memória do modo fragmentário através do qual a realidade social se apresenta. Incorporada à pesquisa sociológica, ela permite ver o que não pode ser visto por outros meios. (MARTINS, 2008, p. 36). As fotografias que nos foram cedidas estão incorporadas ao texto como extensões das narrativas, pois elas próprias funcionam como narrativa pictórica que revela a transformação visual das jovens a partir da mudança nos cabelos.

O texto está dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos uma discussão sobre racismo no Brasil centrada na questão do cabelo da mulher, um dos principais alvos da cultura racista e sexista. Na segunda parte, apresentamos os perfis das jovens, os relatos escritos por elas e ainda as fotos do antes e do depois da transição capilar que elas nos cederam. No último tópico, pensando a transição capilar como um rito de passagem, os relatos são analisados à luz de discussões teóricas que tematizam juventudes, racismo, processos identitários e a condição da jovem negra no Brasil.

O Racismo Nosso de Cada Dia e o Cabelo da Mulher Negra

No Brasil, uma das principais heranças do processo de colonização foi o racismo. A partir da chegada oficial dos portugueses, em 1500, iniciou-se em terras brasileiras um complexo processo de ocupação cuja face mais perversa foi o extermínio dos povos indígenas e a escravização de negros trazidos do continente africano, a partir de 1550, para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar. Do encontro forçado entre indígenas, europeus e africanos nasceu um povo e uma cultura marcados pela miscigenação e pela diversidade de práticas culturais. No entanto, a tão propalada “democracia racial”, que, de acordo com Freyre (2006) nasceu da “confraternização” dos povos que se encontraram em solo brasileiro, nunca existiu. Entre nós, não se estabeleceu uma discriminação racial legal, como nos Estados Unidos e na África do Sul, mas construiu-se à custa do patriarcalismo, do privatismo e da pessoalidade, um modo peculiar de racismo tão eficaz que ao longo dos séculos vem sendo reproduzido até mesmo pela população negra. É eficaz justamente porque aparenta não ser racismo. Como afirma Souza (1999), referindo-se às análises de Anthony

Marx, o que ocorreu no Brasil foi a “constituição de uma ideologia social apenas aparentemente inclusiva e extremamente eficiente.” (SOUZA, 1999, p. 136).

De acordo com Almeida (2018), “a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e racismo” (ALMEIDA, 2018, p. 15). O conceito de raça, constituído em meados do século XVI, se presta a classificar os indivíduos a partir de suas características biológicas, sendo a cor da pele um dos principais marcadores dessa classificação. Tal conceito serviu de base para que o colonialismo europeu desumanizasse, destruísse e escravizasse os povos dos demais continentes. (ALMEIDA, 2018, p. 22). Portanto, o conceito de raça deve ser pensado não mais a partir da dimensão biológica, mas, sobretudo, como construção política e social (HALL, 2003, MUNANGA, 2004), na medida em que seu conteúdo é sempre social e político (MUNANGA, 2006, p. 52).

Com o conceito de raça, nasce também o racismo, que Almeida define como “um tipo sistemático de discriminação que tem a raça como fundamento” e se manifesta de forma consciente ou inconsciente através de práticas que trazem privilégios ou desvantagens aos indivíduos pertencentes a determinado grupo racial. (ALMEIDA, 2018, p. 25). Para o autor, todo racismo é estrutural, pois está entranhado na organização política e econômica da sociedade como um elemento “normal” que dá sentido e sustentação às desigualdades e às violências verificadas na ordem social contemporânea.

Nossas relações e práticas sociais cotidianas são atravessadas pelo racismo em suas mais variadas expressões. O racismo está ancorado na formação social colonial e escravocrata e reverbera nos nossos hábitos e costumes. É praticado pelo estado, pelas instituições de ensino e por todos nós. Inclusive pelos próprios negros que, diante de uma sociedade que desde sempre produz narrativas e estratégias de invisibilização e embranquecimento, se esforçam para escapar de sua identidade étnica e racial, buscando aproximar-se de modelos considerados “superiores” ou “normais”.

A identidade negra é uma “construção social, histórica, cultural e plural” que se constitui no olhar que os sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial lançam sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)”. (GOMES, 2003, p. 171).

Assumir-se negro ou negra no Brasil é um doloroso processo pessoal e social, pois o racismo começa no Estado e reverbera em todas as instâncias da sociedade (família, escola,

universidades, empresas, igrejas etc.) e no próprio sujeito negro que acaba por internalizar o racismo e, em nome dele, se auto violenta em tentativas de branqueamento. De acordo com Munanga (2004), há uma grande dificuldade em definir quem é negro no Brasil justamente porque “Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso.” (MUNANGA, 2004, p. 52).

Oracy Nogueira (1998) cunhou a expressão “preconceito de marca” para caracterizar o tipo de racismo existente no Brasil em contraposição ao “preconceito de origem” que, segundo o autor, vigora nos Estados Unidos. Para ele, o “preconceito de marca” é o critério usado no Brasil para discriminar os indivíduos e é construído levando-se em consideração o fenótipo, ou seja, a aparência física dos indivíduos que inclui não só a cor da pele, mas também os traços fisionômicos e o tipo de cabelo.

Consideramos que, mais que a cor da pele e os traços fisionômicos, o cabelo é o marcador da identidade negra no Brasil. Num país marcado por uma grande mistura étnica e racial, um cabelo crespo é sempre denunciador da existência de ancestrais negros, bem como é alvo de insultos nas famílias, nas escolas e nas ruas. Pixaim, carapinha, cabelo ruim, Bombril, cabelo duro, cabelo de arame são alguns termos utilizados pejorativamente para designar os cabelos dos negros e das negras.

Para Gonzalez (1984), o racismo constitui um sintoma da “neurose cultural brasileira” e, articulado ao sexismo, “produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (GONZALEZ, 1984, p. 224). Isto ocorre porque, como afirma Hall (2003), as etnicidades dominantes estão sempre ancoradas em uma economia sexual, em uma figuração de masculinidade e de classe específicas.

A tríade racismo, machismo e sexismo há séculos vem contribuindo para relegar à mulher negra brasileira um lugar de subalternidade nos mais diversos ambientes sociais, fazendo também com estas sejam as vítimas preferenciais da violência de gênero, constando nas estatísticas nacionais como as que mais são estupradas e assassinadas, como veremos mais adiante.

A objetificação e a hipersexualização do corpo da mulher negra é outro modo de manifestação do racismo. A imagem da mulata sensual, “da cor do pecado”, fácil e boa de cama é historicamente “vendida” em letras de músicas, na literatura, em comerciais e programas de TV e no carnaval como produto de exportação brasileiro, alimentando o imaginário sexual masculino de brasileiros e estrangeiros. O corpo da mulher negra é “celebrado” e desejado sexualmente e o cabelo é alvo de estereótipos e insultos que também aparecem materializados em versos de canções que se tornaram muito populares no país. “Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?”

verso da canção composta por David Nasser e Rubens Soares para o carnaval de 1942 e “nega do cabelo duro que não gosta de pentear”, da canção Fricote composta pelo baiano Luiz Caldas, em 1985, são exemplos disso.

Em uma sociedade que há muito escolheu o cabelo liso como padrão de beleza majoritariamente aceito, a relação das mulheres negras com os seus cabelos sempre foi conflituosa. Conflito este que leva muitas a decidirem por processos de alisamento para se sentirem mais “aceitas” pela sociedade e por elas próprias. De acordo com Gomes (2006), o cabelo crespo é um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. “Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquele que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra.” (GOMES, 2006, p. 26).

Assim, a formação das identidades de mulheres negras está associada ao modo como seus cabelos são percebidos e o lugar a elas destinado modifica-se a depender da forma de cuidar e se relacionar com os cabelos. (OLIVEIRA; MATTOS, 2019).

Por ser o cabelo um elemento tão importante na construção da identidade negra, o movimento *Black Power*, criado nos Estados Unidos no final dos anos 1960, escolheu-o como marcador de reconhecimento e símbolo da luta contra o racismo. No Brasil da segunda década dos anos 2000, assumir os cabelos crespos ou cacheados passou a ser um ato político e uma das maiores expressões de resistência e autorreconhecimento das mulheres negras que, inclusive criaram um movimento social (organizado via redes sociais) com essa temática: A Marcha do Orgulho Crespo, que desde 2015 acontece em várias cidades do país.

Os relatos das jovens que colaboraram com a nossa pesquisa revelam elementos que nos permitem pensar as questões trabalhadas até aqui e outras mais e, por isso mesmo, serão apresentados a seguir em sua quase integralidade por considerarmos que, dessa forma, o leitor poderá perceber melhor a trajetória e processo que levou cada uma das jovens a aceitarem seus cabelos.

Cabelos e Identidades em Transição

Aline, Fernanda, Laenia e Laís são as quatro jovens que nos cederam os relatos e as fotografias expostos nesta parte do texto. O material nos foi enviado via e-mail e/ou redes sociais em outubro e novembro de 2019. Todas elas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para que usássemos o referido material e, por este motivo, usamos seus nomes

verdadeiros e expomos suas imagens. Cada relato é precedido de um pequeno perfil para que o leitor possa conhecer o contexto social e familiar no qual as jovens estão inseridas.

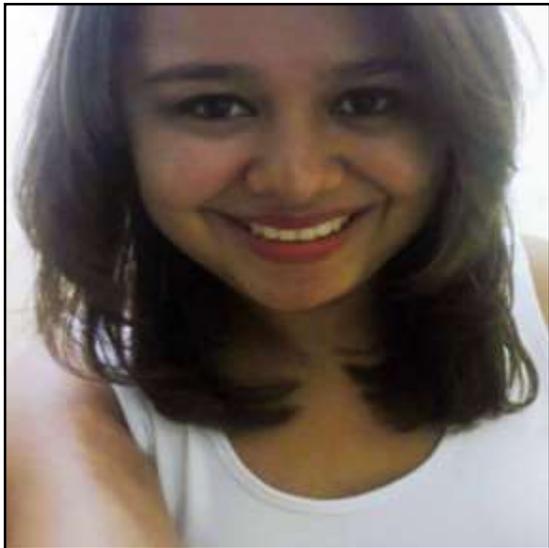
Aline: na ancestralidade a busca pela cura das feridas que o racismo causou

Maria Aline Sabino Nascimento tem 28 anos e nasceu em Sobral. Sua mãe é cozinheira e não concluiu o ensino fundamental. O pai já é falecido e ela diz não saber muita coisa sobre ele. A vida escolar foi toda cumprida em escolas da rede pública. Ela afirma que sempre esteve no Cadastro Único do governo, mas nunca chegou a receber os benefícios do Bolsa Família. No segundo semestre de 2013 ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA e em 2018 concluiu a graduação e foi aprovada no mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atualmente cursa o doutorado. Sua relação com os cabelos, assim como a de muitas jovens negras, sempre foi conflituosa até o ingresso na universidade, onde iniciou a militância em um coletivo do movimento estudantil e teve a oportunidade de participar como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴. As experiências vivenciadas na universidade, aliadas à mudança para o Rio de Janeiro, contribuíram para mudar radicalmente a sua visão sobre os seus cabelos e sobre si mesma, como ela mesma conta:

“Desde criança eu achava meu cabelo feio. Lembro de sempre me lamentar por não ter nascido com os cabelos lisos que minhas irmãs tinham. A situação foi piorando à medida que eu ficava adolescente e meu cabelo ficava com o cacho cada vez mais fechado. Fase complicada por si só, minhas crises aumentavam por me sentir feia e preterida por amigas e garotos. Foi então que comecei a querer um cabelo liso a todo custo. A primeira vez que alisei meus cabelos foi com o ferro de engomar, mesmo ele tendo ficado com um cheiro de queimado horrível, eu me olhava no espelho e me sentia mais aceita. Desde então, parti para processos mais pesados e violentos, e comecei a alisar meus cabelos com produtos químicos logo depois de ingressar no ensino médio. Com o passar do tempo, meu cabelo já não aguentava mais o processo químico de alisamento e eu continuava com uma autoestima destruída. Tomar banho de piscina era um pesadelo, chuva em festas era um pesadelo, até mesmo meu suor que fazia a raiz do meu cabelo voltar ao natural era motivo de auto ódio. Dentro da minha casa, o parâmetro de comparação eram minhas irmãs, que são brancas e possuem cabelos lisos, e a história do patinho feio traduzia perfeitamente o que eu sentia. Sentimento de inadequação, não pertencimento a lugar e grupo nenhum. No segundo semestre de 2013, eu iniciei o curso de Ciências Sociais, na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Um ano depois, eu decidi passar pela transição e

⁴ Programa financiado pela Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), que concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino.

assumir meus cachos. Essa decisão foi resultado de um processo muito importante de autorreconhecimento enquanto mulher negra. Após ter acesso a diversas leituras e, principalmente, a minha entrada dentro do Movimento Estudantil, comecei a compreender meu lugar dentro do colorismo, compreendendo, conseqüentemente, o porquê eu sempre procurar tirar fotos contra a luz para ficar com a pele clara, porque eu me posicionava de uma forma em que meu nariz saísse fino nas fotografias, porque eu nunca aceitava os cabelos que eu tinha. Fui compreendendo também porque eu fui uma criança, adolescente e jovem preterida por homens e mulheres, até mesmo pelo meu pai, que era negro e não suportava ver em mim uma pessoa semelhante a ele. Contra a vontade da minha mãe, que sempre deixou claro que cabelo bonito é cabelo liso e que os cabelos que eu queria assumir “era cabelo de negra”, fiquei na decisão e passei pelo difícil período da transição. A universidade, o Movimento Estudantil, meus amigos e minhas amigas, me ajudaram muito. [...] No entanto, não era fácil assumir o volume do meu cabelo dentro de uma cidade como Sobral, ainda tão branca e provinciana. [...] Fim da colocação de grau e da minha graduação, vim morar no Rio de Janeiro para iniciar meu mestrado em Antropologia Social. Somente aqui, depois de quatro anos de transição, eu comecei a deixar meu cabelo cada vez mais livre e volumoso. Isso se deve ao fato do meu contato com minha ancestralidade ter sido muito forte no Rio de Janeiro. A cada vez que eu me amo mais enquanto mulher negra, eu amo mais meus cabelos, amo mais as diferenças que tenho em relação às minhas irmãs e minha mãe. Já não sou o patinho feio. Hoje, busco na minha ancestralidade curar as feridas que o racismo me causou.” (NASCIMENTO, 2019).



Antes



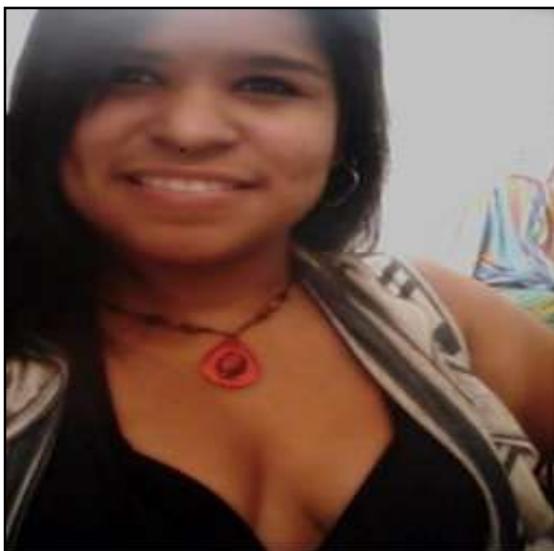
Depois

Fernanda: “Meu cabelo é o encontro com a minha ancestralidade”

Fernanda Maria Matias Sousa nasceu em Sobral, em 1993. A mãe é doméstica e o pai trabalhador informal. Os dois não concluíram o ensino fundamental. A jovem foi beneficiária do Programa Bolsa Família e sempre estudou em escolas públicas, ingressou no curso de Licenciatura

em Ciências Sociais da UVA em 2012 e concluiu em 2018. A passagem pela universidade foi marcada pela militância no Movimento Estudantil e pela participação como bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Vejamos como ela conta a história da sua relação com os cabelos.

“Mais ou menos há uns 10 anos atrás, ainda na adolescência, passei por um processo de alisamento do meu cabelo, eu, minha mãe, todas as minhas irmãs, primas e a maioria das minhas amigas. Não entendia ao certo o que significava, no início tive resistência, mas depois de muita insistência, algumas pessoas diziam que ficaria melhor de pentear, diminuiria o volume, que eu teria menos trabalho com ele e que ficaria mais bonita (na época eu tinha muito problema com meu corpo e aparência) e acabei fazendo as chamadas "escova progressiva/inteligente/definitiva". No entanto, não foi isso que aconteceu, pelo contrário eu tive mais trabalho, sofrimento, testa queimada, aqueles chatos retoques na raiz, sempre a grana estava apertada, então passava do tempo e ficava uma coisa estranha. Tinha que comprar chapinha, escova, não podíamos adquirir, aí vinha a saga de pedir emprestado às amigas ou familiares, mas sempre muito dispendioso, pegar, deixar, quebrar, concertar. Além de tudo, eu não me sentia bem, parecia que faltava algo de mim. Com o passar do tempo, acesso a algumas leituras, militância e, principalmente sororidade das companheiras cacheadas, eu cortei todo o alisado do meu cabelo. E quanto mais a raiz dele crescia, e os cachinhos foram voltando, mergulhei em processo intenso da compreensão da minha ancestralidade e enquanto mulher negra. Intensifiquei no processo de problematização de como os mecanismos de embranquecimento são perversos e violentos. O racismo se estrutura, tentando nos aniquilar de todas as formas, querendo produzir pessoas sem identidade, assim como diz Emerica, para sermos objeto da história. Contudo, a população negra nunca desistiu de CONTRA-ATACAR, na tentativa da construção de novos quilombos. Hoje, compreendo como esse processo me fortaleceu no entendimento da minha identidade como mulher negra, pobre, periférica e lésbica. Quebrando diariamente o padrão estético branco, heteronormativo, sexista e racista. Frequentemente sou indagada sobre meu cabelo, e respondo: - É o encontro com a minha ancestralidade!” (SOUSA, 2019).



Antes



Depois

Laenia: “Os dias de luta e de glória da transição capilar”

Assim como Aline e Fernanda, Laenia Nascimento da Silva também é natural de Sobral, e até a entrada na universidade vivia no distrito de Jaibaras. A mãe é dona de casa e completou o ensino fundamental, o pai é ajudante de produção numa fábrica de cimentos e possui o ensino médio completo. Tendo estudado sempre em escolas públicas, a jovem, que atualmente tem 23 anos, ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA no ano de 2015. A formatura ocorreu no início de 2020 e logo a seguir mudou-se para o Rio de Janeiro, devido ao ingresso no mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em seu relato, os processos que a levaram à transição capilar são contados como “dias de luta e glória” por terem sido atravessados por idas e vindas, dúvidas, angústias e, por fim, a aceitação, o reconhecimento, a libertação e a alegria de inspirar outras jovens a assumirem seus cachos.

“Falar em transição capilar, bem mais que apenas cabelo, envolve toda uma gama de outros aspectos. A verdade é que a decisão de voltar aos cachos se trata de um processo de reconhecimento, e principalmente de aceitação pessoal. Minha volta ao cabelo natural, assim como para outras meninas, não foi algo fácil. Cresci em meio a uma família de genética “lisa”. Na minha casa, meu pai, minha mãe, e o meu irmão, que pelo fato de ser um menino e possuir o cabelo tão liso quanto o de minha mãe, me geravam constantes indagações de porque só o meu cabelo ser cacheado. Assim, logo quando adentrei a fase mocinha de querer me arrumar, aos 11 anos tive minha primeira chapinha, e ali iniciava a saga da busca por um cabelo cada vez mais liso. No entanto, alisar constantemente o cabelo se tornava a cada dia mais cansativo, tanto pelo tamanho dos fios, como pelo tempo necessário para isso. Foi então que logo depois, aos 12 anos, realizei minha primeira progressiva. O resultado foi de uma inteira satisfação, pois o que antes levava mais de uma hora para ser feito, agora estava em minha cabeça permanentemente. Acredito que o primeiro alisamento é o cerne para uma “ditadura capilar”, quanto mais liso está o cabelo, mais liso queremos. Com o avançar da idade, depois da progressiva, comecei a experimentar outros alisamentos mais fortes, tais como a escova inteligente e a escova definitiva. Em 2016, estando no terceiro período da graduação em Ciências Sociais, iniciei minha primeira transição capilar. Naquele momento eu começava a sentir a necessidade de voltar ao meu cabelo natural, principalmente por não lembrar de como ele era. [...] em novembro acabei por me render novamente ao alisamento capilar, tendo em vista a praticidade que me possibilitaria naquele momento. [...] O tempo foi passando e em um determinado momento, a fala de Mariana, minha colega de curso, me marcou bastante: ‘Antes de eu me formar ainda vou ver a Laenia com o cabelo todo natural!’. Naquele momento o que ela falou não fez muito sentido, inclusive, até neguei e afirmei gostar e que continuaria com o cabelo liso. No entanto, mal sabia eu que depois aquela frase agiria como uma válvula de escape para iniciar novamente a transição capilar. Dando continuidade ao alisamento, continuei até o ano de 2018. No dia 16 de fevereiro, realizei meu último botox. Passei a contar a partir daquele dia o início da transição. Como não

tinha muito o que fazer naquele momento, iniciei um processo de pesquisa sobre transição capilar e passei a seguir nas redes sociais pessoas estivessem passando pelo mesmo processo. O processo de transição, mesmo quando se trata de uma certeza, é difícil do início ao fim. Nos primeiros meses a raiz começa a ficar alta, e pelo costume de um cabelo sempre lisinho, recorria frequentemente a chapinha e ao secador, na busca por disfarçar a raiz que nascia. Os frequentes cortes, que apesar de importantes, tornavam cada vez mais evidente as duas texturas de cabelo, sendo essa a questão mais difícil de se lidar na transição. Aqui, faz-se importante mencionar o apoio durante a transição, pois era com a ajuda de inúmeras pessoas que eu conseguia passar pelos dias difíceis, como minha mãe, que apesar de possuir cabelo liso, sempre me apoiou na decisão de voltar aos cachos, e até mesmo por antes da transição achar prejudicial à saúde os alisamentos e as fontes excessivas de calor que eu usava. Outro apoio fundamental e de extrema influência foi de minha amiga Laís, que também passou pela aceitação dos cachos em circunstâncias diferentes. No dia 12 de março, dois dias após meu aniversário, estava voltando à tarde de Sobral e só pensava uma única coisa: quando chegar em casa, caso eu ache uma tesoura, vou cortar o cabelo. [...] Chegando em casa, sentei em frente ao espelho, com o cabelo separado em mexas, enquanto passava creme para evidenciar a parte lisa da cacheada e cortava, passavam inúmeras coisas pela minha cabeça: o quão difícil foi passar por todo aquele processo em um ano e um mês, no quanto eu pude me “RE-conhecer” e aprender a gostar daquele cabelo que já era meu, mas ao mesmo tempo se fazia tão novo para mim, e no quanto cresci e aprendi a me admirar, mesmo quando nada ficava bom com as duas texturas. Durante esses 13 meses vivi um enorme processo de amadurecimento e de valorização do meu verdadeiro “eu”, reconhecendo que eu não precisava passar por tudo que passei durante os últimos nove anos alisando o cabelo para me sentir bem. Eu estava assumindo, novamente, o controle sobre mim, por isso a decisão de cortar o cabelo em casa era um momento que eu mesma precisava fazer e sentir. Foi como se eu estivesse retirando as amarras que me foram colocadas aos 11 anos de idade, quando comecei a alisar o cabelo. [...] Escolher cachear me deu margem a uma liberdade que eu não tinha quando alisava, de ser quem eu sou sem me preocupar. Agora sou eu quem escolho molhar o cabelo quando quiser, testar muitas opções de cremes e fazer inúmeros penteados. Mas uma coisa ainda se torna melhor do que ter me tornado cacheada: sentir que eu inspiro e poder ajudar alguém a passar também pela transição. Depois do Big Chop⁵, duas meninas já me relataram também está vivenciando esse processo, o que me deixa extremamente feliz e realizada. Sou grata à Mariana [...], à Laís e Joana por me acompanharem na fase mais difícil da transição, à minha mãe por ser meu apoio, às Ciências Sociais por me proporcionar amadurecimento e engrandecimento enquanto ser humano, e às inúmeras pessoas que foram referência para mim sem ao menos saber.” (SILVA, 2019).

⁵ Grande corte feito para a retirada da química dos cabelos que passaram por processo de alisamento.



Antes



Depois

Laís: “Meu crespo, minha identidade e minhas raízes”

Maria Laís Nascimento Cordeiro é natural da comunidade de Batoque, zona rural do município de Pacujá, localizado na microrregião de Sobral, mesorregião Noroeste do Ceará, a 299 km da capital, Fortaleza. Os pais são agricultores e somente o pai concluiu o ensino fundamental. Sua comunidade foi reconhecida como quilombola no final de 2014. Oriunda de escola pública e beneficiária do Bolsa Família, Laís ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA em 2015, foi bolsista do PIBID e tem atuado no movimento quilombola. Sua história é contada como um processo de “desconstrução” da relação com os cabelos.

“Hoje, aos 22 anos, vejo que a minha relação com meu cabelo foi sendo desconstruída no decorrer da minha vida. Acho importante falar que não passei pela transição capilar que tanto ouvimos falar nos dias atuais, pois nunca pensei na possibilidade de alisar o cabelo, mas, assim como a maioria das mulheres que alisam os cabelos para se sentirem aceitas em uma sociedade racista, também já senti a necessidade de esconder quem eu realmente queria ser, usando minha aparência, traços que marcam o meu rosto como lembrança da minha descendência daqueles que foram escravizados. Algumas vezes eram momentos de tristezas por não sentir que era bonita como as minhas amigas que em sua maioria tinham cabelos cacheados no padrão aceitável, ou seja, um cacho perfeito. Usando uma linguagem mais atual meu cabelo se enquadra na categoria 3c/ 4a que seria do cacheado ou crespo [...] fui crescendo e continuava não gostando do meu cabelo. Quando fiz quinze anos fui passar o dia na casa de uma amiga e ela fez chapinha no meu cabelo, lembro que não gostei da sensação daquele cabelo, mas deixei o dia todo para mostrar minha mãe e outras pessoas. A mãe achou estranho e perguntou se eu tinha gostado, mas outras pessoas, principalmente os mais velhos, diziam que tinha ficado lindo e que assim não ficava tão assanhado, mas eu não tinha gostado. Então quando molhei meus

cachos voltaram e eu os mantinha em uma ditadura presos ou soltos mais com tanto creme para baixar o volume que chegava a ficar duro e pegajoso, sem contar que sempre estavam molhados. E assim era a realidade que mantinha meu cabelo até entrar na faculdade para cursar Ciências Sociais. Digo que a graduação foi uma parte muito importante na minha vida, não só pela questão profissional, mas também me ajudou em muitas questões pessoais. Quem me conheceu no início da graduação vai lembrar que quando cheguei vivia de cabelos presos, foi no decorrer do curso que minha mudança e aceitação começaram a surgir. Lembro que achava o cabelo da Aline Sabino maravilhoso e bem no fundo achava parecido com o meu, mas não tinha coragem necessária para usar ele daquele jeito [...] Assim como a Aline, a minha “Vó postiça” Joana D`arc, que foram as primeiras a me mostrarem a força das mulheres negras durante a graduação, e minha prima Joseli, que é militante do povo Quilombola. Elas foram as primeiras a me fazerem ter outra visão sobre meu cabelo, me mostraram, acho que sem nem sentirem, que meu cabelo não era somente um cabelo e sim um símbolo de resistência e que ele poderia falar por mim. Então, comecei a pesquisar sobre cabelos cacheados, no começo ainda queria aquele cabelo perfeito sem nenhum fiozinho fora do lugar, com o tempo passei a cuidar dele com hidratações e, às vezes, umas receitinhas caseiras que as blogueiras ensinavam, então passei da fase do cacho perfeito e comecei a assumir o volume do meu cabelo aos poucos em determinados eventos. Não vou negar que, na maioria das vezes, eram eventos da universidade, pois ainda não me sentia à vontade para fazer essa mudança no meio das pessoas que me conheciam a vida toda. Até que um dia aconteceu e foi naturalmente como se aqueles momentos de insegurança nunca tivessem acontecido. Ainda houve gente que falou sobre a minha “Juba de leão”. SIM!!! E querem saber? Sempre haverá aquelas pessoas que vão querer me colocar em uma caixinha e seguir todos os padrões que essa sociedade racista me faz acreditar ser verdade, mas hoje tenho orgulho da pessoa que meu cabelo fez eu me tornar, aquela que quando está de cabelo solto almeja o que um dia foi motivo de tristeza. VOLUME? Lógico que quero. Meu cabelo foi uma parte essencial da minha formação enquanto mulher negra foi ele que me mostrou ainda na infância como a sociedade pode ser cruel até mesmo para uma criança, mas foi ele que mostrou a força que há dentro de cada pessoa negra, principalmente nós mulheres que ainda somos silenciadas. E hoje busco mostrar para as mulheres cacheadas principalmente as mulheres negras que seus cabelos são maravilhosos, busco cada vez mais conhecer técnicas que ajudem a definir cachos, para que quando uma pessoa falar que vai alisar por que não sabe o que fazer para ter um cacho perfeito, mostro que nossos cabelos não são perfeitos, assim como nós, mas podemos cuidar e aceitar eles como são. Poderemos Alisar? SIM!! Mas por que será algo que queremos verdadeiramente e não para seguir padrões que não foram feitos pensando na variedade de pessoas que existem, somente uma minoria que prega uma superioridade. Hoje meu coração se alegra quando vejo as crianças da minha comunidade aceitando seus cabelos, quando vejo pessoas mais velhas dizendo a elas que seus cabelos são maravilhosos e se algum dia elas quiserem realmente alisar, cortar, trançar, pintar ou qualquer outro motivo, mas que seja aquilo que vai realmente fazer elas felizes que façam, que brinquem com seus cabelos, que vejam um amor que aos poucos fui construindo em mim e repassando para meus companheiros de caminhada. Que sejam exemplos para outras pessoas, que sejam o apoio que elas precisam, pois é uma imensa alegria fazer parte da história de superação e dessas pessoas. Por experiência própria foi muito prazeroso saber que fui inspiração para minha amiga Laenia na sua transição capilar, algo que eu nem imaginava que teria tamanha importância, mas que para ela serviu de estímulo para continuar na luta, [...] Assim, encerro meu relato lembrando de todas as mudanças que me ocorreram durante este processo,

e nas pessoas que me cercam, pois foi uma das melhores sensação olhar minha mãe escolher um creme de pentear para cabelos cacheados, pois a cada dia que passa vou vendo que de algum modo fui desconstruindo alguns pensamentos e mudando algumas realidades. Agradeço o convite de escrever este pequeno relato, que talvez para muitos será apenas um pequeno texto sobre um menina que outrora chegou a odiar seus cabelos, para se tornar um mulher negra descendente de pessoas que foram escravizadas, que na maioria das vezes é forte e que abraçou a luta dos seus antepassados [...]”. (CORDEIRO, 2019).



Antes



Depois

De estigma a emblema: um rito de passagem

As quatro universitárias que nos emprestaram suas histórias através de depoimentos possuem em comum o fato de serem jovens, mulheres, negras e pobres. Ou seja, possuem todos os atributos que, no Brasil, se prestam a estigmatizar, inferiorizar e criminalizar os indivíduos.

Os estudos contemporâneos sobre juventudes apontam que é preciso ter em conta as diversas formas de vivenciar a condição juvenil. Assim, mais que uma faixa etária, ser jovem evoca inúmeras situações que apontam diversos modos de experienciar essa fase de vida (MARGULIS, 2008; PAIS, 2003; ABRAMO, 2005), dependendo das pertenças de classe, gênero, étnico-racial, religiosa, entre outras. Nesse sentido, Margulis e Urresti (2008) questionam se a juventude é uma categoria unissex, visto que a condição juvenil se oferece de forma diferente para as mulheres e para os homens. Para as jovens, segundo os autores, o tempo transcorre de uma maneira diferente por estar vinculado à sedução, à beleza, à maternidade, dentre outros atributos que a cultura atribui ao feminino. Fonseca (2001), em seu estudo sobre experiências e subjetividades na educação das

jovens portuguesas propõe a construção de um conceito de “cultura juvenil feminina” que dialoga com os estudos culturais e com as teorias feministas para mostrar que o gênero é um aspecto fundamental na construção da vida cultural (e social) de rapazes e moças, pois, em nossas sociedades “existem ideologias e práticas materiais de gênero que interferem na produção e reprodução da masculinidade e da feminilidade”. (FONSECA, 2001, p. 23). E se ao gênero acrescentarmos a condição de classe e de etnia/raça, vamos perceber que a vivência da juventude para a jovem pobre e negra é atravessada por desvantagens, riscos, constrangimentos, negociações e resistências frente a uma sociedade machista, sexista, elitista e racista como a brasileira, como veremos a seguir.

Negação de si, estética do alisamento e sofrimentos

“como dói perceber a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos”
(bell hooks)

Nos relatos que coletamos, percebemos uma narrativa da transição capilar permeada por relações que envolvem a estética “negada” por outrem e, sobretudo, o quem sou eu e o que querem que eu seja. Essa relação conflituosa desemboca em questões de aceitação, insegurança, baixa autoestima, negação de si e busca de reconhecimento constante entre os pares, familiares e tantos outros com quem buscassem envolvimento. As quatro jovens conectam as suas narrativas às sociabilidades vividas entre os grupos de família e grupos de amigos e suas aspirações, mas se percebem sempre diferentes dos demais e descrevem esses processos através de sacrifícios que tiveram que fazer para serem reconhecidas. Por conta das descrições, passamos a compreender que o cabelo é o elemento mais simbólico na expressividade do ser preto e no confronto com a estética impositiva da chamada branquitude. A transição capilar define-se, então, enquanto fio condutor de uma espécie de ritual de passagem, marcado por diferentes momentos que envolvem dor e afetos múltiplos, confronto entre o eu e os outros. Para Segalen (2002),

[...] o ritual faz sentido, visto que ordena a desordem, atribui sentido ao acidental e ao incompreensível, confere aos atores sociais os meios para dominar o mal, o tempo e as relações sociais. Sua essência é misturar o tempo individual e o tempo coletivo. Definidos em suas propriedades morfológicas e através de sua eficácia social, os ritos também se caracterizam por emblemas sensíveis, materiais e corporais. (SEGALLEN, 2002, p. 32).

O conceito trazido por Segalen nos foi essencial para entendermos o processo de transição capilar na perspectiva narrada pelas jovens aqui referenciadas. Como elas descreveram o antes e o depois do assumir os cachos ou o crespo e como ressignificaram suas vidas quando deixaram de realizar o alisamento capilar, tendo como marco para esse momento, a entrada na Universidade. O que estamos chamando de rito de passagem levará em consideração o que todas as jovens nos apontaram enquanto elementos chaves, que serão expostos de acordo com a sequência que elas dispuseram nos seus depoimentos, assim dispostos: a negação de si, a questão estética, o alisamento e o sofrimento; a universidade como marco que simboliza o reconhecimento da negritude, as novas estéticas existenciais e seus consequentes impactos na vida das jovens.

A questão estética e a representação de si demarcam os primeiros elementos apontados por elas. Acharem-se diferentes e feias fizeram com que Aline, Laenia, Fernanda e Laís buscassem o alisamento ou a contenção dos cabelos.

De acordo com os relatos, os marcadores estéticos definem o padrão do que elas percebiam enquanto feio e bonito através de comparações entre si próprias e seus familiares ou pessoas próximas. Assim, demonstram o quanto foram influenciadas a empreenderem o alisamento como forma de minimizarem as diferenças. Esses marcadores são sobremaneira mais incisivos sobre as mulheres negras, até mais que sobre os homens negros, “sobre elas, é imposto um paradigma de beleza eurocêntrico, no qual a pele clara e o cabelo longo e liso são atributos que definem uma mulher como bonita ou atraente no imaginário branco racista e na mentalidade colonizada.” (hooks, 1995, p. 127 *apud* LIMA, 2019, p. 06/07). O tom exposto pelas jovens denota um sentimento de inferioridade, mal estar e vergonha pelos cabelos cacheados ou crespos. Cabe evidenciar que, a vergonha é um sentimento moralizante que se opõe à noção de honra, dignidade. A vergonha relaciona-se com a humilhação (LA TAILLE, 2002), e seus efeitos dizem respeito à ordenação do que uma sociedade elege enquanto certo e errado. Nos relatos das jovens percebe-se um conjunto de sociabilidades difíceis apontados como elementos iniciais das suas condições de existência social.

O “sentimento de inadequação e não pertencimento a lugar e grupo nenhum”, muitas vezes começa dentro da própria família, sobretudo quando se trata de famílias multirraciais, como as de Aline, cujas irmãs possuem cabelos lisos, e Laenia, que afirmou ter crescido “em meio a uma família de genética “lisa”. É comum no Brasil a formação de famílias inter-raciais, onde são gerados filhos brancos e/ou negros, o que promove diversos conflitos raciais. Os que nascem com tons de pele mais escura se tornam preteridos, apontados negativamente, relegados ou mesmo, denegados. Aline relata esse preterimento com mais ênfase, confluindo com os achados da pesquisa realizada

por Schucman e Gonçalves (2017), em que uma participante relata vários momentos em que sofre preconceito no seio da própria família, por conta da sua cor de pele e cabelo, herança do seu pai. Para as autoras acima citadas, “embora pareça chocante ou mesmo inadmissível que o racismo se faça presente dentro da esfera mais íntima e, supostamente, continente da vida do indivíduo, o dado não foge à lógica das formações raciais” (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017, p. 63). Ainda que as diferenças na família não se evidenciem, a estética do branqueamento opera, como no caso de Fernanda, cuja experiência do alisamento foi vivida de forma coletiva por todas as mulheres do grupo familiar.

Os relatos seguem descrevendo a prática do alisamento dos cabelos e o quanto esse ato conferiu desagrado e dor para as jovens. O uso de instrumentos como ferro de engomar, pranchinhas, acrescido de queimaduras, uso de produtos químicos pesados em técnicas que prometiam a “mágica” do “liso permanente”, e a “facilidade” para manipular os cabelos, colocavam as jovens em situações constrangedoras e demarcadas pelo desejo de adequação a um modelo positivo para quem não se agradava com os cabelos delas e negativo para elas, que sofriam com a mitigação de suas origens e de terem que autonegar-se para compor o quadro do esteticamente, e por que não dizer, racialmente aceito. Acrescente-se a isso os gastos com a manutenção das pranchinhas, escovas (progressivas, inteligentes, definitivas) e, como aponta Fernanda, quando a “grana estava apertada”, o cabelo ficava “estranho” por não ter como retocar a raiz, que não permanecia definitivamente lisa. Mesmo Laís, que nasceu numa comunidade que buscou o reconhecimento quilombola, revela esse sentimento de tristeza por não sentir que era bonita como as amigas que possuíam cachos mais abertos, “no padrão aceitável”, e por isso mantinha os cabelos presos, duros e cheios de creme ou molhados, o que ela nomeia como “ditadura”.

As ações descritas acima, revelam que, desde crianças, as jovens se obrigaram ao enquadramento do embranquecimento, que eclode no chamado “racismo estrutural” construído sobre os corpos dos sujeitos considerados de alguma forma “impuros” pelos seus traços ou componentes naturais. Violências diversas alimentam a frustração e a estruturação da estética do alisamento capilar, que se configura como a forma mais reativa de encontrar a beleza “pura”, controlado por um dispositivo de poder chamado aceitação. E não poderia acontecer sem automutilação, reflexões com inflexões degenerativas autogestadas pela concepção imposta socialmente do belo e do feio.

O alisamento capilar é uma faceta de poder que atravessa os corpos das jovens, reorienta suas subjetividades, e modela artificialmente sujeitos para o agrado alheio. Aline, em seu relato, afirma ter sentido uma repulsa tão forte de si que diz ter despertado um sentimento de “auto ódio”.

Essa afirmação é sobremaneira emblemática da condição que, agregada à condição da mulher negra no Brasil, demanda o debate da interseccionalidade, tão bem demarcado por Akotirene (2019).

Para a autora,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Ainda para a autora acima citada, “mulheres negras são castigadas mais vezes” (AKOTIRENE, 2019, p. 42). A tradução disso tudo se revela historicamente na interdição do cabelo afro. De acordo com Camargo (2018),

O cabelo, componente constitutivo do corpo, reflete traço de personalidade e é afirmação de identidade, algo presente em algumas etnias africanas e cujo significado social tem atravessado o tempo e adquirido novos contornos [...]. No período colonial era comum que homens e mulheres escravizadas tivessem seus cabelos raspados, um ato cujo significado é de mutilação [...]. Além disso, sob argumento de necessidades higiênicas, tal prática tinha o objetivo de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos poderiam guardar com relação ao cabelo [...]. (CAMARGO, 2018, p. 25).

Nos dias atuais, esse interdito se materializa no ato de alisamento do cabelo. A interdição-alisamento gera o sofrimento psíquico e físico, mas quem se importa? O cabelo interdito já é parte de um corpo interdito histórica e culturalmente. Nesse processo, queimar os cabelos, esticá-los, usar produtos químicos cada vez mais fortes, idas e mais idas a salões ficando horas e mais horas esperando o alisamento acontecer, tudo isso pouco importa para quem impõe o padrão. Para Camargo (2018),

Devido à construção social do significado do cabelo crespo se relacionar à representação racializada construída no contato colonial e na escravização de pessoas sequestradas do continente africano, as mulheres que possuem traços lidos como negroides, como cor da pele, traços faciais e textura do cabelo, serão atingidas por tais relações de poder de maneira muito mais incisiva e violenta do que aquelas que não possuem os mesmos traços. (CAMARGO, 2108, p. 36).

Adensando esse debate à questão da violência seccionada por gênero, de acordo com o Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), foram registrados 4.936 assassinatos de mulheres em 2017. São 13 homicídios de mulheres por dia, das quais 66% é negra. Dos 26.835 casos de estupro registrados no mesmo ano, 89% tiveram mulheres como vítimas, sendo a maioria delas negras.

Quando se trata dos registros de violência física, as mulheres representam 67% das pessoas agredidas fisicamente em 2017⁶.

Mulheres Negras e redescobertas: a Universidade, novas estéticas, feminismo negro, novas linguagens e (re)existências

A estética padrão branca assume uma versão que faz referência ao agradável e ao prazeroso, camuflando com isto, a sua dimensão e discursividade política. Desta forma, a estética sutilmente invade as subjetividades negras apontando moldes e atravessa um caminho de sentidos em que não pode ser reduzida a questões de aparência, mas de força, de potência (MIZRAHI, 2019), de tal modo, que as jovens abordadas nos fizeram compreender que a concepção de estética se materializa em um ato de resistência e em conjunto com outros elementos, se transfiguram em reconhecimentos para mulheres negras, com outra concepção de beleza e sua aceitação. A estética para as mulheres negras migra da esfera da futilidade para a ação política. O modo de ser e se apresentar publicamente para as mulheres negras impõem o entendimento de que elas garantem o debate no espaço público a partir do seu apelo visual, com a intenção de agradarem primeiro a si próprias em seguida, aos outros ou não.

Para as jovens acompanhadas nesta pesquisa, a discursividade política ganha espaço nas suas vidas quando adentram a universidade, mais especificamente, no Curso de Ciências Sociais. É a partir desse momento que elas iniciam o processo de problematização da sociedade em que vivem. Desnaturalizam a fixidez das normas e regras das instituições sociais, questionam os elementos tidos como inquestionáveis na cultura e nas construções históricas e passam a se reinventar, a se recriar e, com isso, a construir outras subjetivações e extrapolar dimensões que as incomodavam, mas que eram impelidas a amenizar em contextos diversos da vida social.

Na universidade, elas tiveram acesso a leituras com as quais se identificaram; se envolveram em coletivos e movimentos políticos; iniciaram relações e sociabilidades que proporcionaram o contato com múltiplas ideias e experiências com outros jovens, que compartilharam seus saberes e vivências aprendidas em outros âmbitos. Passaram a exercitar capacidades e habilidades que, muitas vezes, as famílias e as escolas não permitem que sejam expostas ou exploradas. Passaram a debater temas como sexualidade, gênero, raça, diversidades e tantos outros, componentes que se tornaram intervenções diretas em suas vidas, colaborando para a constituição de uma nova estética de existência (FOUCAULT, 2004).

⁶Ver em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Novos enfrentamentos se fizeram presentes, bem como novos conflitos e adversidades. No entanto, há um elemento comum que está presente nos relatos das quatro jovens: a consciência identitária, provocada, sobretudo, pelo reconhecerem-se mulheres negras. Tal reconhecimento é engendrado pelas sociabilidades buscadas nos grupos de pares. Laís e Laenia afirmam que tiveram incentivos das colegas de turma e de corredores e das amigas na universidade. Tal movimento é interessante, pois nos permite compreender conceitos como sororidade, altruísmo e uma espécie de reflexo identitário, que cria uma nova perspectiva de relações das jovens consigo e com os/as outros/as. É aí que se inicia a passagem de uma existência para a sua ressignificação ou (re)existência. O rito de passagem começa a se manifestar no reflexo identitário e o primeiro elemento a ser valorizado é o cabelo. Laís e Laenia enfatizam bem este aspecto nas suas relações com as amigas, que as incentivaram a dar vazão aos cabelos cacheados. Por conta deste incentivo, passaram a não mais alisar ou prender os cabelos, começaram a se desafiar e a revelar o cabelo natural, constitutivo dos seus corpos, e a refletir sobre porque o escondiam. Inicia-se aí a afirmação da identidade negra, pela força e potência do cabelo. Lembram ainda que, outras jovens, que já abandonaram o alisamento e ostentam cabelos crespos ou cacheados passaram a ser suas referências, fato que chamamos de efeito espelho da transição capilar.

Concomitantemente com a transição capilar, as jovens reveem a autoconfiança, a beleza contida, expõem corpos com mais expressividade, usam mais cores, mudam o estilo de vestir, aprendem outros saberes-fazer, elaboram novos sentimentos de pertença, e praticam a militância tanto em coletivos de cunho partidário quanto na pauta das questões da negritude, das diversidades de gênero e das desigualdades socioculturais. Para bell hooks,

Em uma cultura de dominação e anti-intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração.(hooks, 2005).

Aline reflete bem a fala de bell hooks, quando afirma: “A universidade, o Movimento Estudantil, meus amigos e minhas amigas, me ajudaram muito”. A passagem pela universidade conectou as jovens com um multiverso relacional e reflexivo onde tiveram oportunidade de reverem como indivíduos e acessarem outras dinâmicas que extrapolam as comunidades em que vivem, as linguagens, os gostos, enfim, rompem com cristalizações e definições e se imputam novas atitudes.

Ao transformarem seus modos de agir no mundo, aderiram a um novo glossário e a uma nova postura existencial. Iniciaram o contato com as teorias feministas e todo o debate que as circunda, bem como passaram a refletir sobre o feminismo negro, mais especificamente. Nesse aspecto, é fundamental a influência que as feministas negras exerceram sobre as suas existências, desvelando o que Aline e Fernanda afirmam ser o encontro com a ancestralidade, cujo sentido é assumir e viver plenamente a negritude.

Nas observações que fizemos, percebemos a incorporação de duas novas linguagens: uma corporal e outra falada. Elas passam a usar adereços como colares, brincos, anéis, roupas coloridas, turbantes, lenços que remetem às heranças africanas. Bem como passaram a usar um glossário de palavras/conceitos comuns aos movimentos de reconhecimento identitário negro como: resistência, empoderamento, africanidades, afrodeslocamentos, colonialismo, decolonialismo, colorismo, ancestralidade, dentre outros. Esses momentos demarcaram todas as ações cotidianas das jovens.

Tivemos a oportunidade de acompanhar “de perto” a formação das quatro jovens na Licenciatura em Ciências Sociais. Das quatro, só uma delas ainda está em fase de conclusão do Curso. Todas elas participaram como bolsistas do PIBID, sob nossa coordenação de área. O referido programa é um complemento prático no processo formativo para a docência, que proporciona aos integrantes atuarem nas escolas antes dos Estágios Supervisionados. Com a entrada no PIBID elas puderam exercitar a construção da “imaginação sociológica” (MILLS, 2018), a partir das suas capacidades de contextualizar o conhecimento teórico com a realidade dos alunos das escolas públicas. Tais articulações levavam em consideração o acúmulo de saberes adquiridos no Curso de Ciências Sociais, relacionando as categorias de análise demandadas pelos conteúdos escolares com seus sentidos na vida prática dos alunos e as suas devidas ressignificações. Esse momento foi rico em reflexões, análises e transposição de saberes e conhecimentos que subsidiaram muitas intervenções do Programa nas escolas públicas em que atuavam. Todas elas levavam os debates demandados pelo currículo escolar e conseguiram debater sobre a negritude em discussões e ações que causavam impactos aquém do esperado entre os alunos e o corpo docente. Ou seja, passaram a multiplicar e ensinar as suas expertises sobre negritude para os que, como elas, também passavam por processos conflituosos em seus reconhecimentos. Fernanda, inclusive, fez sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na escola em que atuava como bolsista do PIBID (SOUSA, 2017). Mesmo saindo do PIBID, algumas delas, como é caso de Laís, Laenia e Fernanda, participam de eventos nas escolas nas semanas da Consciência Negra, com atividades como oficinas de turbantes, palestras sobre colorismo, gênero e a condição da

juventude negra. Esses são efeitos radiais, que elas construíram, perpetuam e esperam que se amplifiquem.

Além das ações do PIBID, empreenderam em seus recortes de pesquisas temas que refletem as suas posturas de mulheres negras, elegendo para suas próprias análises no campo científico, temáticas que abordam a juventude negra e moradora da periferia (NASCIMENTO, 2017), gênero e violência na educação (SOUSA, 2017), o reconhecimento quilombola na região norte do Ceará (Laís, cujo trabalho ainda não foi finalizado).

Outro elemento de diferenciação percebido por nós foi a transposição de fronteiras espaciais dos seus lugares de moradia, pois passaram a conhecer novos espaços com os deslocamentos para a universidade (entre cidades), na própria cidade de Sobral, na busca pela juventude da periferia, e ainda dentro e fora do estado participando de eventos (de cunho político ou científico) em busca de conhecimento e outras trocas de experiências. Aline e Laenia, atualmente, são alunas em cursos de doutorado e mestrado, respectivamente, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concorreram às vagas no referido programa através da Política Afirmativa do Sistema de Cotas Raciais. Fernanda por alguns anos trabalhou como articuladora de Políticas Públicas para a Juventude, na Secretaria de Cultura, Juventude, Esporte e Lazer de Sobral (SECJEL); atua em coletivos feministas da referida cidade, foi aprovada em concurso público e aguarda sua convocação, na Prefeitura de Sobral para cargo efetivo na pasta de Assistência Social e Direitos Humanos. Laís está concluindo o curso de Ciências Sociais e é constantemente chamada para falar sobre juventude quilombola em eventos regionais e nacionais e oferta oficinas de turbante em escolas da região. Em conversas informais, ela nos revelou que sua comunidade é liderada pelo seu avô, e quando ele “partir”, quem assumirá a liderança do quilombo é sua prima Joseli, que foi a primeira mulher do grupo a entrar na universidade e levar a história do seu povo para além das suas fronteiras, retornando com conhecimentos que ajudam no fortalecimento e resistência da Comunidade do Batoque (Quilombo onde moram). Laís afirma em seu relato que se inspira em Joseli, e nos afirma o seguinte, como forma de expressar o que apreendeu das suas experiências: “enquanto puder escrever, escreverei sobre o meu povo, não deixarei nossa história morrer. E quando não for possível falar, deixarei que minha pele, meus traços faciais e meu cabelo falem por mim, pois continuaremos resistindo e existindo”.

O cabelo, novas expressividades e consumo

Mizrahi (2019) em sua pesquisa sobre a estética negra nos espaços públicos das cidades, afirma a presença de uma produção de aparências em fluxo, que articulam classe, raça, gênero e geração, entrelaçando

[...] estilos de cabelos femininos que são, cada um a seu modo, respostas esteticamente motivadas aos racismos cotidianos com os quais os sujeitos negros são obrigados a se deparar em suas interações urbanas. Esses estilos compõem performances realizadas em desafio aos estereótipos com os quais esses sujeitos são julgados, classificados e observados pelo olhar racializador, branco ou não negro. (MIZRAHI, 2019, p. 461).

Essa percepção é interessante, pois remete ao que também percebemos em Sobral, não somente com as jovens aqui referidas, mas em tantos outros jovens que passam a operar na mesma intenção de provocar com a estética outra referência de beleza, moda, vestuário, gostos musicais, referenciais religiosos etc. A própria cidade vai ganhando outros itens na composição dos seus espaços com a nova estética e efeitos visuais dos seus ocupantes. Tal movimento acaba sendo também campo de disputas e conflitos, pois, à medida que a discussão sobre a negritude ganha dimensão, ela passa a ser grafitada com desenhos nos muros da cidade, pichadas com assinaturas ou poesias de jovens negros e negras da periferia, declamada nas praças com o movimento dos *slams* e das batalhas⁷, cantada nos raps e funks. Esses fluxos reposicionam o glossário das “palavras da cidade” (BRESCIANI, 2008), chamando a atenção pela estética de seus interlocutores, que entendem que uma das formas de impactar visualmente e provocar a desconstrução do racismo é expondo os seus cabelos, com volumes, cores, tranças, turbantes etc.

Em Sobral, especificamente, há uma manifestação muito intensa de jovens moradores da periferia ocupando espaços diversos da cidade com seus manifestos e gritos de resistência pelo direito à cidade, com promoção de *slams* e batalhas de poesias e raps que ocorrem tanto em praças do Centro da cidade, espaço mais conservador e tradicional, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁸, quanto nas praças dos bairros da periferia. Nesses momentos e espaços, os jovens operam suas ideias, artes e suas estéticas sendo constantemente reprimidos pela polícia. Todas as intervenções feitas pelos jovens levam a tônica do combate ao racismo e tem causado um efeito agregador da juventude periférica da cidade. Aline é uma das

⁷ Competições em que poetas recitam suas criações originais em espaços públicos para um público que depois escolhe a melhor performance.

⁸ O conjunto arquitetônico de Sobral foi tombado pelo IPHAN em 1999.

entusiastas desse movimento e o transformou em recorte de pesquisa, tanto no seu mestrado quanto no doutorado.

Entretanto, na composição dos cabelos cacheados, crespos, *black* ou afro, além do abrir mão do alisamento, quem assume esse estilo não escapa da sedução mercadológica, pois a mesma indústria que cria os produtos de alisamento passa a investir em produtos de enaltecimento e, ao mesmo tempo, disciplinamento de cachos, operacionalizando, sutilmente, novas definições e controle. Com um arsenal de produtos para “melhorar” o visual, investem na vaidade feminina com muita ênfase, nomeando e classificando tipos de cachos e crespos de acordo com seus formatos e volumes: 2A, 2B, 2C (ondulados e menos volumosos); 3A, 3B, 3C (Cachos no formato molinha, ou mais definidos e mais volumosos); 4A, 4B, 4C (Cabelo crespo ou afro, com estrutura mais fechada e ressecada)⁹. Laís, em seu relato, faz referência a essa classificação, que vem nos rótulos dos produtos de diversas marcas, em que muitas carregam nomenclaturas como “Bomba cachos”, “disciplina cachos”, “reductor de volumes”, determinando como as mulheres devem manter seus cabelos. Ou ainda com nomes como “morte súbita”, “desmaia cachos” e “desmaia crespíssimo”, o que nos leva a entender que mesmo voltados ao público negro, reforçam preconceitos, na medida em que vendem a ideia de que os cabelos das negras precisam ser disciplinados, controlados.

As jovens, em seus relatos, demonstram que acessam e reproduzem essas classificações e tantas outras. Ainda demonstram um linguajar bem específico dos diversos momentos da chamada “transição capilar”, que inicia com o que Laenia identifica como *big chop*, que é um corte de cabelo bem curto, com o qual as raízes ficam livres dos produtos químicos e os cabelos crescem cacheados ou crespos. O termo em inglês acaba sendo a metáfora da própria ação de rompimento com a determinação do alisamento: um corte grande deixando o cabelo bem curto, expondo não só as raízes dele em si, mas que também expõe as raízes da ancestralidade negra e o entretanto do seu crescimento irá expor as mulheres negras, que como afirma Grada Kilomba,

[...] tem que ver com um processo de consciencialização: começa com a negação, da negação passa-se à culpa, da culpa à vergonha, da vergonha ao reconhecimento e deste, finalmente, à reparação. Reparar significa precisamente isso, arranjar o que estava estragado e perceber a violência de certas estruturas. Mas este processo só pode acontecer se o que estamos a falar tiver visibilidade, tiver espaço.¹⁰

⁹ Ver: <https://cabelo.com.br/tipos-de-cachos/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

¹⁰ Ver: <https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Com isso, pudemos compreender os processos através dos quais jovens do interior do Ceará passaram a se perceber negras em lugares de negação e contraposição da raça, insurgindo-se contra o racismo estruturado para anulá-las.

Considerações Finais

Analisando os relatos das jovens sobre a relação com seus cabelos ao longo da vida, percebemos que aceitar os cachos constituiu uma espécie de rito de passagem entre a vergonha do cabelo crespo, estigmatizado pela cultura racista, e o desejo de seguir a estética do branqueamento, representada pelo liso ou contido (no caso de Laís) e o orgulho dos cachos cada vez mais volumosos, que, inclusive, passam a inspirar outras jovens negras.

Percebemos ainda que a relação das jovens com seus cabelos possui um antes e um depois da entrada na universidade. Nos relatos, o contato com as teorias sociais, com outras universitárias negras e com o movimento estudantil, possibilitado pela entrada na instituição, são apontados como responsável por desencadear o processo de autorreconhecimento como mulheres negras que as fez ressignificar a relação com seus cabelos, consigo próprias e com a sociedade.

Desse modo, podemos pensar a universidade como lugar de fortalecimento identitário de onde se desencadeiam processos de subjetivação que reverberam no autorreconhecimento e na luta por reconhecimento e contra o racismo. Na UVA, por exemplo, como consequência desse processo, em 2018, foi criado pelos estudantes o encontro de negros e negras da UVA, evento destinado a debater as questões que afetam os universitários e as universitárias negras.

Nesse sentido, tal processo nos permite também fazer uma leitura do incômodo social que a presença de negros e negras na universidade provoca e os constantes ataques às políticas afirmativas. Mesmo sabendo que a Política de Cotas não garante a equidade racial no contexto universitário, afirmamos sua importância na construção de possibilidades de negros e negras das camadas menos favorecidas acessarem cada vez mais a instituição que ajuda a promover uma leitura mais crítica da realidade que desencadeia processos como os aqui descritos em que jovens aprendem a se aceitarem como são, se empoderam e passam a ter orgulho do que antes era vivido como estigma e sofrimento.

O empoderamento das jovens não encerra conflitos, mas ajuda a transpor, a minimizar e a extrapolar o que Djamila Ribeiro nomeia como “solidão da mulher negra”¹¹, estado qualificado não somente pelas relações amorosas, mas pelas sociabilidades que vivenciam desde a infância. O sentir-se sós é de certo modo suprido quando passam a exercitar o reconhecimento e a compartilhar as experiências com outras/os negras/os, ocasionado por um sentimento de pertença a um grupo, que reforça as identidades culturais, ou seja, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” (HALL, 2001, p. 8). Embora não exista a identidade em essência, uma vez que as identidades são fragmentadas e contraditórias, recorrer a este conceito constitui uma estratégia importante para todos aqueles que passam por processos constantes de silenciamento, negação e negociação de suas identidades. O fortalecimento e o reconhecimento dessas identidades é uma tarefa de toda a sociedade e as políticas públicas de educação devem ser o principal vetor no desencadeamento desse processo, assim como na construção de uma sociedade antirracista.

Referências

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, S. L. **O Que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).
- BRESCIANI, M. S. M. **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- CAMARGO, K. **A transição capilar e a luta pela representação do uso do cabelo crespo e cacheado em contexto de usos de mídias digitais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2018.
- CONTADOR, A. C. **Cultura juvenil negra em Portugal**. Oeiras: Celta, 2001.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FONSECA, L. P. **Culturas juvenis, percursos femininos – experiências e subjetividades na educação de raparigas**. Oeiras: Celta, 2001.

¹¹ Ver: Djamila Ribeiro: Relações interracialis e a solidão da mulher negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=2ZNx1LV6c4A>. Acesso em: 10 ago. 2019.

FOUCAULT, M. *Escritas de Si*. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos V).

FREITAS, I. C. M. Universitários de cidades interioranas: modos de vida e projetos de futuro. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. especial, p. 323-356, ago. 2013.

FREITAS, I. C. M.; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista o público e o privado**, Fortaleza, n. 21, p. 91-110, jan./jun. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1). 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, C.; DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/496>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: ANPOCS, 1984. (Coletânea Ciências Sociais Hoje, v. 2). p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora. Reflexões Sobre a Terra no Exterior. In: SOVIK, Liv. (org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

hooks, b. Alisando nosso cabelo. Tradução: L. M. Santos. **Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba**, Cuba, jan./fev. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em 30 de julho de 2019.

LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a03v15n1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

LIMA, E. G. A representação do cabelo (crespo/cacheado) por *Youtubers*: um estudo de recepção do processo de empoderamento e construção identitária da mulher negra. In: Intercom – Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 21.,2019, São Luís. **Anais [...]** São Luis, MA: [s. n.], 2019.

LODY, R. G. M. **Cabelos de Axé: identidade e resistência**. São Paulo: Senac, 2004.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La Juventud es más que una Palabra*. In: MARGULIS, M. (editor) **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. 3. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MARINHO, C. H. Cidades e emoções: rotas juvenis, encontros e movimentos. In: Dossiê: Cidade, imagem e emoções. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, p. 51- 63, abr. 2020. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Art-3_Dossie_RBSEv19n55abril2020.pdf. Acesso: 02 ago. 2020.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual: um ensaio**. São Paulo: Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2018.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIZRAHI, M. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Revista Mana**, v. 25, n. 2, p. 457-488, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v25n2/1678-4944-mana-25-02-457.pdf> Acesso em: 20 dez. 2019.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. (Entrevista). **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, jan./abr. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005. Acesso em: 10 jun. 2019.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dez./fev. 2005-2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>. Acesso em: 03 maio 2019.

NASCIMENTO, M. A. S. **Performance e aprendizagem no slam da quentura em Sobral - CE**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2017.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

OLIVEIRA, A. P. O.; MATTOS, A. R. Identidades em transição: narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44283/30181>. Acesso em: 20 set. 2019.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed., Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2003.

RANCI, E. Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. *In*: MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **ODEERE**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 61-83, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

SOUSA, F. M.M. **Educação, disputas e sexualidade**: vivências, práticas e discursos na Escola Elza Goersch em Forquilha-CE. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2017.

SOUZA, J. Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. *In*: Encontro Anual da ANPOCS, 23., 1999, Caxambú, **Anais [...]**. Caxambú: [s. n.], 1999. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt19-17/5016-jessesouza-democracia/file>. Acesso em: 10 de maio de 2019.